

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



PUREZA

Ainda se não desvaneceram nos nossos ouvidos os ecos consoladores do Congresso da J. C. F. realizado com o fim especial de glorificar Maria, nem dos nossos olhos se apagou a visão radiosa da romagem lúda saída da Cova da Iria até à capital em apoteose deslumbrante a pequenina imagem da Mãe do Céu. Glorificar Maria nas Bodas de Prata das Suas aparições, era na verdade um grato dever das raparigas portuguesas.

Exaltar Maria, torná-la mais venerada e mais querida, enaltecer as Suas virtudes e imitar o Seu exemplo, é sem dúvida um dever filial e uma necessidade urgente nos tempos turbados que atravessamos, na sociedade paganzada em que vivemos.

Conscientes dessa necessidade imperiosa, desejosas de lutarem contra a vaga de lama que de dentro e de fora, nos ameaça e se alastra insinuadora, as raparigas da Juventude lançaram, e em boa hora, entre as suas associadas a Campanha da Pureza. Foi um dos votos do Congresso: bendito seja ele!

Virgem Puríssima, que tanto amamos a angélica virtude, ampara e fortalece as heróicas raparigas na sua nobre cruzada.

O mundo asfixia numa atmosfera saturada de vício e impudor. As almas corrompem-se e perdem-se enleadas em prazeres malsãos. As crianças, flores de pureza e inocência, murcham tristemente antes do seu pleno desabrochar roídas as suas pétalas lírios pelo verme asqueroso da impureza.

Mais mortífera que todas as guerras e carnificinas, a luxúria alastra ceifando as almas desamparadas ou imprudentes. Por toda a parte em descarada ostentação, que a nossa indolência e cobardia permite, ou em disfarce enganoso e diabólico, o vício progride perseverantemente na sua obra destruidora.

Mãe Puríssima, a hora é tristemente grave, mas nós confiamos plenamente no Vosso auxílio maternal que há-de fortalecer-nos nos perigos e tentações, que há-de animar-nos nos heróicos combates contra o mal.

Conscientes e ativas da nossa sublime dignidade de cristãs e filhas Vossas, nós queremos ser puras nos nossos pensamentos, palavras e acções; puras nos nossos divertimentos, modas e atitudes.

Fortalecidas com o Vosso exemplo seremos firmes na defesa dum das mais belas virtudes que podem adornar um coração humano; seremos indiferentes aos ataques do pseudo-ridículo com que tantas vezes nos querem fazer capitular; seremos humildes não presumindo das nossas forças, para confiarmos acima de tudo na graça e no amor do Senhor que goza as Virgens, para confiarmos na Vossa poderosa e maternal protecção sob a qual nos acolhamos cheias de esperança.

Rainha das Virgens, rogai por nós!

Moss

ACÇÃO CATÓLICA

O nosso «meio»

Tem de ser largo e porfiado o trabalho da Acção Católica, fóra do meio religioso — que são muitos os que não foram ainda iluminados pelas claridades da fé cristã. Mas fôssem católicos todos os portugueses; e háveria agora e sempre, muito que trabalhar e que sofrer. O campo de apostolado continuaria a ser vasto e áspero. É fácil verificar quanto a grande massa dos nossos católicos precisa de formação religiosa. Observe-se, com algum cuidado, o que se passa nos meios incultos. Pessoas que vão à missa com regularidade, que se confessam com frequência, que todos os dias rezam, possuirão, quando muito, idéias vagas, talvez erradas, acerca do sacrifício da missa, da confissão e da oração.

Aprenderam, em crianças, o catecismo; mas sabe Deus como o aprenderam. Pela vida fora, ficaram sempre e apenas com as fórmulas desse catecismo, que, aliás, se foram deturpando e obscurecendo. Os mistérios mais lindos e augustos da religião, manifestados no rico simbolismo da Liturgia, não os conhecem nem lhes sentem o valor. Por isso, o culto é para eles apenas conjunto de cerimónias sem alma, que praticam por mero rotinismo e com visível enfado.

Mas até entre pessoas cultas é maior a ignorância religiosa do que poderia supor-se. Muitos crescem em idade e em sabedoria profana. Em religião, ficaram sempre crianças. Verdades comezinhas e fundamentais, desconhecem-nas lamentavelmente. Acerca delas, como notava um escritor já há muitos anos, não vão além de pobres pessoas que não sabem ler.

A Acção Católica pretende que cada cristão tenha da fé um conhecimento proporcionado ao grau de desenvolvimento da sua inteligência. É questão de coerência; é questão de dignidade; é questão de necessidade.

Mas, para que tal se realize, que ardor e perseverança de apostolado doutrinar se exigem!

Não é menor o trabalho da Acção Católica, no que respeita à prática da fé. É facto triste a desarmonia entre a fé e a vida. Muitos crêem, mas não praticam.

Quantos católicos não conhecemos nós que, apesar das suas ardentes profissões de fé, faltam à missa aos domingos e dias santos de guarda, sem o menor escrúpulo! Quantos que não cumprem o preceito da desobriga! Quantos que se levantam e deitam, e passam o dia inteiro, sem erguer o pensamento para Deus, numa oração sincera e fervorosa! Quantos que cometem legião sombria de pecados graves, sem um leve estremeção de consciência! Faltas contra a religião, faltas contra a justiça, faltas contra a caridade, faltas contra todas as virtudes, atentados contra Deus e contra o próximo, quantos se praticam, sem arrependimento salutar e sem remorso eficaz!

Esses tais só são cristão aparentes. Na realidade, são apóstatas da fé.

A Acção Católica pretende que cada cristão de nome, seja cristão de facto, que a vida de cada um seja o perfume da sua fé.

E, entre os que profundamente crêem e generosamente praticam, haverá sempre muito a trabalhar. Pobres daqueles que se contentam com um mínimo de virtude. Sem ambição de perfeição cada vez maior, na realidade recua-se.

As palavras do Senhor são categóricas, e dirigem-se a todos os homens de espírito largo e de intenção recta: «Sede perfeitos, como o Pai Celeste...» Grandeza do Pai... Mesquinhez da criatura...

Todavia, o programa foi traçado pelo próprio Mestre Divino. Haverá sempre que caminhar, que lutar, que subir. Para isso, há na nossa alma sede de infinito, e o Senhor a todos concede graças preciosas.

Há que generosamente criar e alimentar a ambição das coisas grandes que aproxima de Deus. Há que realizar todos os dias, corajosamente, essa nobre ambição.

A Acção Católica esforça-se por que cada cristão seja, em cada hora, melhor cristão.

É ilimitado, há-de ser sempre ilimitado, o campo da sua actividade.

Hoje, como no tempo em que o Senhor andava pela terra, é larga a messe e os operários são poucos.

Ai daqueles que fecham os ouvidos da alma ao doce e penetrante apelo do Senhor, que chama instantemente aos trabalhos de apostolado.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

A peregrinação de Janeiro, 13

A peregrinação mensal de Janeiro último ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, como já havia bastantes dias era de esperar, foi pouco concorrida. Durante a semana anterior, o tempo tinha sido de rigoroso inverno, soprando o vento com violência e chovendo de dia e de noite, quasi continuamente.

Na véspera, não obstante o firmamento se conservar nublado, a chuva e o vento cessaram e tudo fazia prever que a peregrinação mensal seria favorecida por um dia sereno e de sol.

Mas não sucedeu assim. O vento e a chuva reapareceram, molestando sem piedade os fiéis que, de longe e de perto, cheios de fé e coragem se puseram a caminho da Cova da Iria.

Pouco depois das 7 horas da manhã chegavam o primeiro automóvel e os primeiros romeiros a pé.

Por causa do estado do tempo, os actos religiosos oficiais efectuaram-se, como noutras ocasiões, que entretanto tinha cessado, começasse de novo a cair.

Não se realizou nenhuma das habituais procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Celebrou a Missa do meio-dia o rev.º P.º Arnaldo de Magalhães, S. J., antigo director espiritual do Seminário de Leiria, que, ao Evangelho, fez a homilia do costume.

Depois da Missa, o celebrante deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a toda a assistência.

Havia apenas um doente inscrito que assistiu aos actos religiosos sentado num carrinho de mão.

Apesar da concorrência relativamente diminuta de peregrinos, os confessionários, quer na igreja das confissões quer na capela do Hospital, estiveram durante muitas horas rodeados de penitentes.

Por volta das 3 horas da tarde, concluídas as cerimónias oficiais, os fiéis debandaram sem demora, em direcção às suas terras, com receio de que a chuva, que entretanto tinha cessado, começasse de novo a cair.

Visconde de Montelo



Capela de Nossa Senhora da Fátima no Colégio Português em Roma

NA ESTRADA DE DAMASCO

A vida e morte santa de Eva Lavalière

Eva Lavalière leu, pois a **História de Santa Maria Madalena**, de joelhos. Leu-a com indizível comção. Leu-a, umas vezes sôzinha, outras vezes diante da companheira, ou na presença dos criados. Mas sempre de joelhos. Quando se levantou, foi... para fazer a sua primeira comunhão (aos quarenta e tantos anos de idade!) — e para abandonar de vez o teatro, rescindindo todos os seus contratos, de alguns dos quais recebia oitenta mil francos, sem contar as inúmeras e valiosíssimas prendas, que lhe ofereciam os seus muitos admiradores.

Mais: a resuscitada vende as suas jóias, os seus brilhantes, as suas peliças, (que enchiam copiosos armários), as suas mobílias, (a que ela dava o aprço de boa entendedora): e os muitíssimos contos de réis, que tudo isto rende... distribuiu-os pelos seus domésticos, para lhes assegurar uma velhice descansada, ficando ela apenas com o indispensável para o dote, que lhe é necessário para entrar na Ordem das Carmelitas.

Depois, com a sua inseparável dama de companhia, lá parte para Lourdes, onde se demora quatro anos, entregue sempre à oração e à penitência: ali fez muitas vezes a Via Sacra ao ar livre, ali foi vista a juntar nos montes, com as mãos geladas, em pleno dezembro, a lenha seca, que há-de aquecê-la na sua modesta habitação: e ali escreveu por seu punho um admirável **Contrato com Maria**, onde diz que consagra a Nossa Senhora ao seu corpo, o seu coração e a sua alma, e que lhe confiará todas as suas alegrias e todas as suas tristezas, e que todos os dias se aproximará da Sagrada Mesa, e que todos os sábados praticará maiores mortificações em honra da Virgem Santíssima, e que há-de recitar, todos os dias também, esta consagração:

O minha Senhora, ó Minha Mãe, lembrai-vos que vos pertence, guardai-me, defendei-me como coisa própria vossa

Não podendo cumprir seu desejo de ser Carmelita, recebe o hábito de Terceira Franciscana, e fica sendo desde então a **Irmã Eva**. Em seguida, sempre com a sua fiel amiga, que se chamava Léona Delbecq, dirige-se à África, resolve a prosseguir a grande missão do Padre de Foucauld: converter os mouros. Lá, em Túnis, rege um curso de enfermeiras, e vai para o interior do deserto apostolizar e tratar doentes... até que a falta de saúde a obriga a voltar para França.

— *Deus concedeu-me uma enorme Fé: creia como respira, — exclama ela. E ainda isto: — Quando penso nos que me fazem sofrer, a minha pobre natureza revolta-se; e quereria gritar: mas logo rezo uma Ave-Maria por eles, e sinto então que lhes tenho amor.*

Casou, divorciou-se. Agora horroriza-se à idéia de que poderia ter morrido sem confissão, sem sacramentos, e agradece a Deus de todo o seu coração: — *Um milagre salvou-me; este milagre foi Jesus que o fez. O Jesus, Jesus! eu sou toda vossa!*

Os seus pensamentos mais íntimos regista-os num caderno, no qual há destes bocadinhos de ouro:

— *Tive sempre uma consolação particular junto dos santos, que Deus tirou do pecado. Se Deus lhes perdoou a eles, também me pode*

perdoar a mim. — Sede a minha Mãe, ó Mãe de Deus! Sede a Mãe da mais infame, da mais impura, da mais miserável das criaturas. Vós sois a obra-prima de Deus, eu sou a vergonha e o refugo. — Que a vontade de Deus seja a minha lei, que o seu amor seja a minha vida! — Ainda que eu quisesse amar outra que não sejais Vós, ó Senhor, não poderia: tudo o que pude amar não é mais que indignidade, desolação, ruína. — A única coisa a recear não é o demônio, é ofender a Deus. — Meu Deus, fazei que eu me banhe continuamente na água benéfica da humildade, a fim que eu não murche, não seque... não caia no pó! — Que sou eu? Um bicho da podridão! Como me chama? Isto!

No dia 18 de janeiro de 1920, escreveu ela nesse caderno uma longa oração ao seu Jesus, a qual termina assim: — *Meu Mestre bem-amado, meu Jesus, deixai-me beijar os rostos dos vossos pés com os lábios do meu coração. Depois, assinou com o seu nome de... bicho da podridão: — «Isto!»*

Mas a falta de saúde agravava-se-lhe. No começo da sua vida de convertida, sucedeu-lhe por vezes queixar-se dos seus padecimentos: — *Minha filha, admoestou-a Mgr. Lemaitre, que foi bispo de Cartago, olhe que o sofrimento é a chave do Paraíso. — Ah! então, Monsenhor, respondeu ela logo, quero que Deus me dê um molho de chaves! Deus ouviu-a. Na sua casa de Thuillières, na Lorena, perto da Alemanha, — casa que ela denominava «Betânia», em memória de Santa Maria Madalena, — a doença progride, avança a passos de gigante: ela reza, medita, humilha-se, dá-se à caridade com os pobres. Durante dois anos, os seus padecimentos são horríveis. Por fim, já não pode sair de casa. Mas lá recebe duas vezes por semana a Sagrada Comunhão. Visitantes ilustres tentam vê-la; quasi não abre a porta a ninguém. Humilha-se, medita, reza, sofre! — Deus, diz ela, põe a cada passo à nossa disposição uma mina de ouro: o sofrimento. Não desperdicemos nada dessa mina: exploremo-la, primeiro para nós, depois para o nosso próximo. Algumas semanas antes da sua morte, torna-se imprescindível operá-la dum dos olhos. E preciso até coser-lhe as pálpebras durante alguns dias. Impossível anestesiá-la. Os médicos chegam. Ninguém a ampara. A sua coragem retempera-se na sua fé. No meio das dores, que todos adivinham serem atrozes, ela está serena, como se nada fosse. — *Causo-lhe muito sofrimento, não é verdade? — diz comovido um dos médicos. — Eu vou-lo oferecer, ó meu Deus! — é a resposta da Irmã Eva.**

As visitas do sacerdote amigável-se mais: na véspera da morte veio cinco vezes... — A 10 de julho de 1929, — uma quarta-feira, dia consagrado a S. José, por quem teve sempre uma devoção especial, — Eva Lavalière entra na agonia. São três horas da manhã. Já não pode falar, mas conserva a lucidez até ao fim. Sobre o leito, estão as imagens mais queridas, que ela pediu lhe trouxessem: o Crucifixo, o Menino Jesus de Praga, (para quem há pouco costurara um lindo manto), e Nossa Senhora de Lourdes. Acende-se uma vela benta, que se vai consumindo como a Irmã Eva. O padre recita o Ofício da Agonia. A cada exortação, a moribunda coloca a mão muito branca sobre o Crucifixo. São pouco mais de cinco ho-

No Santuário de Fátima

encontra-se à venda toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas do escultor João da Silva.

Indultos Pontifícios

Uma das prerrogativas concedidas já nos tempos antigos a Portugal foi a concessão da Bula da Santa Cruzada. A Bula foi substituída, há anos, pelos Indultos Pontifícios.

Os Indultos Pontifícios são um manancial de indulgências, graças e privilégios concedidos exclusivamente aos portugueses.

Mais um ano nos podemos aproveitar destes grandes benefícios.

Para gozarmos dessas regalias é necessário:

1.º — Tomarmos o Sumário da taxa devida segundo as nossas poses e condição social e que é pequena.

As esmolas dos Indultos são aplicadas na sua quasi totalidade na manutenção dos seminários que, como é sabido, foram esbulhados de todos os bens que lhes tinham sido doados pela caridade dos nossos antepassados e que hoje vivem apenas de esmolas. Não há, pois, aplicação mais cristã e benéfica.

2.º — Sendo os benefícios dos Indultos anuais, terminaram os do ano de 1942 no fim de Janeiro passado. É preciso tomar novos indultos.

É reprovável o costume de os fiéis se proverem dos Indultos só na Quaresma, porque, além de ficarem meses sem essas graças, vão dificultar o serviço dos Revs. Párocos que pelos serviços extraordinários que têm nessa época, não poderão atender com facilidade os fiéis na confissão e administração da S. Comunhão Pascal.

Sodalício de S. Pedro Claver

Obra da Imprensa Indígena

É incontestavelmente necessária a imprensa e muito especialmente em terras de missão.

Cada bom livro é um apóstolo que irá fazer cristandade.

A obra do Sodalício de S. Pedro Claver tem-se empenhado na difusão da boa imprensa em idiomas africanos, que ao todo são 300.

Foi criada a Obra da Imprensa Indígena do Sodalício que a Santa Sé abençoou e enriqueceu com muitas indulgências.

As pessoas que desejarem pertencer a esta obra tão proveitosa para o apostolado entre os indígenas, podem dirigir-se ao Sodalício de S. Pedro Claver — Rua Palmira, 30-2.º — Lisboa.

ras. O sol inunda de luz o quarto. — *Parte deste mundo, alma cristã! — elama o sacerdote. Amparada pela sua amada companheira, a Irmã Eva ainda volta os olhos para o ministro de Deus. O padre compreende, e dá-lhe uma derradeira, suprema absolvição. No instante, em que proferia a última palavra, Eva Lavalière expira.*

O seu funeral foi humilde como ela. A sepultura ficou junto da igreja, que ela tanto amou e enriqueceu com pinturas, uma linda Via-Sacra, uma tribuna, uma imagem de Santa Teresinha... Na pedra sepulcral, gravaram-se estes singelos dizeres: «*Oi-gît Eve Lavalière, née à Toulon, en 1875, décédée tertiaire franciscaine, le 10 juillet 1929.*» Que quere dizer: *Aqui jaz Eva Lavalière, nascida em Toulon, em 1875, morta terceira franciscana, a 10 de julho de 1929.* E a seguir, esta oração, que era a prece de Thais, (outra convertida de há mais de mil e quinhentos anos), e que Eva gostava muito de repetir: *Vós, que me criastes, tende piedade de mim!*

PADRE ALLYRIO DE MELLO

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Um Presépio nas águas furtadas

Eu conheci o Mariuccio, da outra banda da rua, quando ele apenas gatinhava. Era raquítico e mole, uma destas crianças desventuradas dos grandes centros, condenadas a escrever a sua história na miséria surrada dum subterrâneo ou dumas águas furtadas. A mãe deixava-o lá em cima no esteirão, naqueles dois palmos de terraço que havia em frente da única abertura, janela e porta ao mesmo tempo, e vinha cá para baixo formigar entre a gente. E, como p'anta caseira, definhada e mortiga, aquela nega de céu livre que respirava do seu cantinho entre o ensario, tornou-o mais forte e mais sadio. Como só nos separavam duas braças de rua, à medida que ele cresceu, foi-se estabelecendo entre nós uma certa intimidade. O pai ralhava como um trovão e todos os dias desafiava o seu cinto de polícia para descontar, brutalmente, à chicotada, as diabruras dos filhos. Mas quando ele fazia guarda e os irmãos iam para a escola o pequeno falava comigo.

Saudava-me de manhã, e oferecia-me às vezes dos seus macarrões em calda de tomate levantando no garfo aqueles compridos e viscosos fios enroscados uns nos outros como molhada de minhocas.

Os brinquedos e as graças do miúdo aliviavam-me o peso da livralhada; mas quando o via entretido picava-me na alma a saudade recordando-me de um irmãozito que deixara em Portugal dependurado do colo de minha mãe.

Um ano, quando veio o Natal, a avó levou o Marito pela cidade a ver o Presépio das igrejas. Era no tempo da guerra da África Oriental e a alegria da solenidade, que saía de um pobre curral onde nascera um Rei sem ambições que oferecia a paz aos homens contrastava com o luto daqueles rostos despidos que passeavam pela rua. Mas para elle, criança sem mimos, sem distrações nem brinquedos caros, aquela visita foi uma festa. E a avó contou-lhe que aquêlê Menino era Deus e que vinha trazer a salvação e a paz aos homens. — *«Era*

Também eu não a vejo!...

— *Deixe ver, avózinha... O que é?... Um colar? Ai que lindo!*

E Elsa deitava a mãozinha à carteira que D. Joana abrira para tirar o lenço, puxava o terço de grossas contas de cristal azul, facetado, que lobrigara lá no fundo, e passava-o ao pescoço.

A avó sorriu e acariciou-a enlevada:

— *Não, meu amor, não é um colar, não é para enfeitar o corpo...*

— *Então é para enfeitar o quê!...*

No olhar da criança, espelho de invulgar inteligência, lia-se irreprimível curiosidade e D. Joana ia a responder impetuosa: a alma. Mas no aposento contíguo ouviam-se passos, o pai de Elsa aparecia e logo, de sobrolho carregado, dava pelo inesperado adorno:

— *Que disparate é esse agora, Elsa?*

A pequena, sem se intimidar, fazendo saltar com a mãozinha polpuda as contas sobre o peito, respondeu:

— *Isto não é meu, é da avózinha... e eu queria que ela me explicasse...*

Mas tanto o pai como a avó preferiam fingir que a não ouviam. Cumprimentaram-se como pessoas perfeitamente educadas embora de opiniões diferentes e D. Joana expôs o fim da sua visita que era apenas inteirar o genro da necessidade de certas reparações numa propriedade que Elsa herdara da mãe e que a avó cultivava.

— *E não o incomodo mais, James, disse ela concluindo, sei que tem hoje o seu dia particularmente tomado...*

— *Não, não se vá, respondeu-lhe o genro, obrigando-a a tornar a sentar-se. Justamente porque tenho de sair já sem esperar pelo almoço e sem possibilidade de vir jantar, é que lhe peço que fique a fazer companhia à Elsa... Por mais uma*

muito pobre, vês? não tinha para nascer senão aquêlê curral e ninguém o tinha querido receber.

— *Eram maus?*

— *Pois eram!... Só animais e pastores, vês? Mas, depois, três reis de muito longe, avisados por uma estrela vieram-na adorar. Olha vê-los ali?*

— *E um era preto?*

— *Pois era. Lá na terra dêe fazia muito calor...*

— *E aquêlê soldados que vão acolá no monte são dêes?*

— *Não. São os soldados de Herodes que vão matar os meninos todos para ver se apanham o Menino Jesus.*

— *E quem era Herodes?*

— *Era um rei muito mau.*

— *E porque é que êle queria matar o Menino?*

— *Porque era invejoso!*

De volta a casa, as perguntas e as curiosidades do pequeno multiplicaram-se e a paciência gasta da velhinha ter-se-ia esgotado se não tivessem chegado tão depressa.

A alma do Mário vinha cheia de Presépio. Falou nêle aos irmãos, sonhou decerto com os pastores e com os camelos dos Reis Magos e ao outro dia tratou de armar um presépio no terraço. A Sagrada Família estava representada por três bonecos disformes e mutilados e uma vassoura sem cabo e uma carrasca estavam cada um de seu lado fingindo de animais. O pequeno passava todo o dia cantando, e dando sempre nova disposição a sua obra. Toda a cidade vivia esmagada pelo espectro da guerra, mas êle sentia-se satisfeito.

Certo dia enquanto estava na sua adoração alegre com os irmãos por acolitos, ouviu passar em baixo o rumor dos soldados alinhados atrás dos tambores. Entra em casa a gritar:

— *Mãe lá vêm os soldados de Herodes que querem matar o Menino.*

Neste triste natal em que o soar dos canhões não deixa ouvir a voz dos anjos, penso na sorte de tantas crianças por essa Europa sangrenta e lembro-me do grito do Mariuccio.

razão ainda: é que a mestra está de folga e minha irmã, como sabe, continua no Porto...

— *Fique avózinha... fique cá hoje comigo, suplico a pequena.*

Já o pai se despedia e, quando ela se içou na ponta dos pés para o beijar, êle a meia voz, apontando o terço, disse-lhe cortante:

— *Isso já dêe para fora... Temos cá masearadas!...*

E saiu com uma última inclinação de cabeça para a sogra, gesto de pura civilidade.

D. Joana de novo afectou não dar por nada de desagradável, mas os olhos humedeciam-se-lhe. O casamento da filha com aquêlê estrangeiro que, praticamente, nem protestante se podia dizer, fora acolhido com entusiasmo por toda a família, devido à fortuna que êle possuía. Também ela, D. Joana, participara desse entusiasmo e só abrira os olhos com a morte da filha tocada também do arrependimento de ter loucamente preferido a satisfação dos seus gostos à dos seus deveres de católica. Ficara Elsa, que fora baptizada a exigências da mãe moribunda e quando a pequena tinha já perto de dois anos.

No entanto, pouco se podia D. Joana, neste momento, entregar às suas penosas recordações: Elsa, sem fazer o mínimo caso da ordem do pai, saltava-lhe para os joelhos e passava-lhe os braços em torno do pescoço:

— *Agora, avózinha, vai dizer-me, sim, o que isto é e porque é que o paizinho se zangou de me ver com êle...*

No dia seguinte, depois do almoço durante o qual, Elsa, sentada em frente do pai, se portara com um juízo de que êle próprio se

(Continua na 1.ª página)

GRAÇAS

de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Albertina Rita Duarte, sofrendo uma forte dor num braço que a não deixava mexer, leu na "Voz da Fátima" as muitas graças alcançadas por mediação de Nossa Senhora da Fátima e, cheia de fé, ajoelhou-se diante duma imagem da Santíssima Virgem pedindo a sua cura que prometeu publicar, dando também uma esmola conforme ás suas posses. Ao levantar-se sentiu o braço mais leve. Deixou desde então todos os medicamentos que até aí usava e, decorridos dois a três dias, encontrou-se completamente curada.

D. Fernanda Soares, Pórtó, diz: «Quasi em vésperas de ir para um retiro espiritual adoecei. Embora melhorasse não me deixavam já ir ao retiro por que eu tanto suspirava. Entretanto prometeram-me depois de ter passado bastante mal o dia antes da partida, que, caso passasse bem a noite consentiriam em que eu fosse. Nas orações da noite recorri a Nossa Senhora da Fátima. Passei a noite bem e consegui o que tanto desejava.»

D. Júlia Gomes Martins, Pórtó, diz que no dia 2 de Maio de 1937 sentiu uma forte cólica que muito a fez sofrer. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe vallesse porque era muito nova e não queria morrer. Foi atendida na sua prece e ficou bem até 3 de Julho quando lhe appareceu de novo a dor com tal intensidade que não cedia aos calmantes que lhe deram dois médicos assistentes. Tratava-se duma infecção intestinal, e de tal gravidade que teve de ser internada num hospital. Perdeu o apetite, sendo poucas as esperanças de se curar. Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima e, pouco tempo decorrido, recuperava o apetite e ficou livre de perigo com espanto do próprio médico. Cheia de reconhecimento vem tornar público este facto para incutir aos doentinhos mais e mais confiança no auxilio e protecção de Nossa Senhora.

D. Cândida Pires, Foz do Douro, foi acometida de congestão pulmonar em 1936. Cheia de aflição recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, decorridos alguns meses estava completamente curada como o declara o seu Ex.^{ma} médico, dr. Antonio Emidio de Vasconcelos: «Declaro que tratei do congestão pulmonar em 1936 — Cândida Pires... foi diagnosticada radiologicamente uma infiltração tuberculosa. Hoje á auscultação unicamente se nota um enfraquecimento... Reputo-a clinicamente curada, 28 de Janeiro de 1938, Antonio de Vasconcelos.»

D. Ana Joaquina Alves, Pico de Regalados, escreve: «Remeto 10\$00 para a assinatura da "Voz da Fátima" e que farei enquanto viver, por promessa que fiz a Nossa Senhora em momento de grande aflicção. Quando o meu filho terminava o curso teológico no Seminário de Braga, em Junho do ano passado, 1937, adoeceu com uma febre que o não deixava regressar a casa, e assim esteve três semanas. Tendo melhorado um pouco veio para casa mas a febre sobreveio-lhe novamente. O estado de fraqueza em que se encontrava era tal que o estomago não lhe conservava os alimentos, perdendo por vezes os sentidos tão grande era o esforço que elle fazia para vomitar. Apesar do trabalho e carinho do médico, o doente não sentia melhoras o que me causava grande aflicção. Certa noite, ás 3 horas da manhã, delixei-o por uns momentos e fui-me prostrar de joelhos diante duma es-

tampa de Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que me salvara e o meu unico filho. Passei as contas do meu terço com estas humildes palavras: «Nossa Senhora da Fátima valles-me. «Sagrado Coração de Jesus tende piedade de nós». Bendita seja aquela que é mãe, auxilio e refugio dos peccadores! Nossa Senhora enxugou as minhas lagrimas! Pessoa amiga deu-me uma pouca de agulha da Fátima que eu misturava em todos os alimentos que dava ao meu filho. Bendito seja Deus que por intercessão de sua Santissima Mãe, lhe restituiu a saúde! Manuel da Silva Sampaio, Guimarães, diz: «Tendo eu quatro filhinhos atacados com a terrivel coqueluche juntando-se a esta um foco pneumónico no mais novo que tinha apenas um ano, e vendo-o eu certa noite quasi moribundo, recorri com muita confiança a Nossa Senhora da Fátima implorando-lhe a saúde dos meus filhos, prometendo uma esmola, uma novena e a publicação da graça caso fosse alcançada. Decorridos alguns dias os meus filhinhos estavam salvos, graças á minha boa Mãe do céu que tantas graças me tem feito.»

Silvino dos Santos Gonçalves, Arosa, Guimarães, além doutras graças vem particularmente agradecer a Nossa Senhora da Fátima a que lhe concedeu de curar sua esposa duma perigosa doença do coração.

Oscar do Nascimento de Almeida, Coimbra, de 34 anos de idade, foi acometido, em Abril de 1937, duma congestão pulmonar, estando 20 dias em perigo de vida. A mãe velhinha e a irmã recorreram, cheias de aflicção, a Nossa Senhora da Fátima, fazendo algumas novenas. Na segunda novena o doente principiou a sentir melhoras que depressa se acentuaram ficando finalmente bem e cheio de uma grande devoção a Nossa Senhora.

D. Sofia, D. Cândida e Abel Hilário de Paula, Algarve, dizem: «Sofrendo o nosso pai duma hernia e necessitando de ser operado, urgentemente, pedimos a Nossa Senhora da Fátima a graça de lhe conservar a vida. Nossa Senhora ouviu-nos de tal forma que dentro em pouco estava bem não precisando da operação. Com a publicação desta graça queremos mostrar quanto estamos reconhecidos a Santissima Virgem.»

D. Lidia Dias dos Reis das Neves, Alquerubim, diz que após um parto, teve de ser operada dizendo o médico que difficilmente se salvaria, e chegando mesmo depois a dizer que era um caso perdido; só por milagre poderia escapar. O seu marido então recorreu a Nossa Senhora da Fátima, bem com pessoas amigas, pedindo-lhe a cura da pobre enferma que deixaria cinco filhinhos na orfandade. Fizeram varias promessas, entre ellas a de irem ao Santuario da Fátima. Nossa Senhora atendeu aquelas

preces afflitivas, e, volvidos três meses, a doente voltou para sua casa, quasi curada, reaparecendo-lhe o leite que havia quatro meses não dava á sua filhinha.

Agradecem graças diversas

- D. Leonor Oliveira, ibidem.
- D. Manueia da Glória Silva, Graciosa (Açóres).
- D. Umbelina do Monte Empina, Redondo.
- João Ribeiro Pimenta, Cenadá.
- D. Maria Umbelina B. Melo, Angra (Açóres).
- D. Emilia Ferreira da Silva, Lisboa.
- D. Emilia da Conceição Peres Frade, Setúbal.
- Joaquina de Sousa Paupério, V. N. de Gaia.
- D. Eridise dos Santos, Pórtó.
- D. Virginia da Conceição, Silgueiros.
- António Gonçalves Neto F. Correia, Barroelas.
- D. Maria Angelina Pereira Cardoso, Amarante.
- D. Maria da Conceição Lemos, Seia.
- D. Ana da Graça, Macedo.
- D. Margarida Rodrigues Monteiro, S. Pedro do Sul.
- D. L. Sampaio, Vila de Barreiros — Maia.
- D. Maria dos Anjos Alegre, Lisboa.
- Luis António Martins, Torres Novas.
- Manuel Barbosa do Souto e D. Rosalina H. Pais, Rôgo.
- D. Hermínia Petrucci Gil, Covilhã.
- D. Maria Angelina Saratva, ibidem.
- D. Olga Nunes Pereira, Santa Cruz (Madeira).
- D. Maria da Luz Monteiro, Terceira (Açóres).
- D. Estefânia Rocha, Vila da Povoação.

PALAVRAS MANSAS

Ouro de lei

Os homens bons que o direito foreiro e depois as Ordenações chamaram a ver, ponderar e decidir em determinados casos, deixaram atrás de si um luminoso exemplo.

Bons na fé e nos costumes, no conselho e no voto, amigos da tradição e da terra, cristãos de vida cristã e vizinhos leais, ordeiros e prestimosos. A sua intervenção na vida social da freguesia era sempre abonada pela sua experiencia e pela sua honestidade.

Temperavam o figor do Direito, punham a Justiça de bem com a equidade, procuravam conciliar o que lhes dizia a lei com o que lhes ditava a consciência.

Homens bons, irmãos na fé e na alma dos que empunhavam a cruz, cingiam as armas e tripulavam as nauas para defeso, expansão e glória de Portugal. Homens bons.

Representava também nêles uma herança esta bondade que era, ao mesmo tempo, desprendimento, generosidade, prudência, lisura e rectidão. Procediam e julgavam como seus pais e avós. Continuavam a bem do povo, da Nação, uma aristocracia moral, singularmente prestimosa e construtiva.

Amavam a sua casa, o seu lar, pensavam no futuro dos seus e davam-se com uma espécie de devoção ao amanhã dos seus bens, ao grangeio das suas terras. A bondade do pão dependia do afino no trabalho. Mas o bem comum era um património precioso da grande familia da paróquia ou do concelho. Confraternização, segurança, ordem e paz.

Servir, pois, o bem comum era um dever de consciência, que tinha sempre nas bênçãos de Deus e do povo a melhor das recompensas. As satisfações que procuravam obstinadamente os ambiciosos — nós e só nós! — lá dizia a Escritura que eram como êles, enganadoras e vãs.

Os homens bons serviram desinteressadamente o Estado, o concelho, a paróquia, os hospitais, as albergarias, as irmandades e as Misericórdias. Os homens bons foram juizes, árbitros, vereadores e mordomos.

Não irei mais longe em seguimento desses homens doutros tempos. Mas sinto mais uma vez que é grato evocar nobres figuras do passado áquelles que a visão do presente quasi sempre inquieta e amargura.

Mercê de Deus, ainda há homens bons, designadamente nos campos, onde a fé é mais viva, o ar mais puro e as estrelas, lá no alto, mais luzentes... Entre outros, houve um na minha terra, que realizava modelamente o tipo tradicional.

Homem de bom senso, de bom conselho, de boa índole, de boa alma, de bom exemplo e de boa paz. Costumes irrepreensíveis apesar de ficar solteiro para ser mais dos seus vizinhos e fazer companhia aos pais, que não tinham junto de si mais ninguém. E com que desvelo foi com êles até que a morte os levou!

Ninguém percorreu mais vezes o cominho da igreja para as missas, para as festas, para as novenas, para as devoções, para os enterros. Na antemãnhã, ainda com estrêlas, já passava frequentemente e orientadora luz daquele exemplo.

Emprestou dinheiro na freguesia a quasi toda a gente; até emprastava dinheiro, para o pão, para a doença, para a botica, a pobres notoriamente insolventes. A esmola á porta, sempre certa, acrescida da esmola formalizada de empréstimo.

Evitou litigios, aclarou dúvidas, compôs desavenças, facilitou contratos, prodigalizou conselhos, levou a alegria e a paz a casas, onde parecia que o próprio lume do lar ia morrendo... Todos o chamavam, todos confiavam nêle, porque tinha espirito de justiça e era amigo de todos.

A consciência limpa tornava-lhe o riso fácil e a graça singularmente espontânea. Inteligente, reflectida, discreto, bondoso, sempre igual e optimista, a sua amizade envolvia e a sua companhia era sempre grata, desanuviadora e salutar.

Amava profundamente a sua terra, sendo de ver como, de quando em quando, até á noite, se voltava para os campos, para os montes e para o céu com aquêles olhos, ao mesmo tempo, inquieto, amoroso e contemplativo do lavrador que tem árvore a florir e sementes a germinar.

Foi amigo dos meus avós, dos meus pais e foi meu amigo durante dezenas de anos. Foi talvez o melhor dos meus amigos. Passámos juntos horas e horas sem conta, em que até o silêncio comprehendia e falava. Amizade do coração, amizade toda a vida.

Só lia os jornais religiosos. Sabia que havia outros; mas para continuar a ser bom á modo da nossa terra, sistematicamente, não os lia.

Morreu há pouco, e soube logo que o luto da familia foi o luto de toda a freguesia. Que falta e que saudade!

Não torno a fazer outra; mas desta vez não-de permitir que, com as lágrimas nos olhos, eu deixe aqui o nome do meu amigo, tanta e tanta vez abençoado: — Augusto Miranda Mendes.

Correia Pinto

Monumento a Cristo Rei

Foi feliz a lembrança de levar as criancinhas de Portugal, a fazerem as suas pequeninas ofertas para ajuda desta homenagem de Portugal a Nosso Senhor Jesus Cristo, levantando-lhe um monumento. As «Pedras Pequeninas» têm crescido de ano para ano.

Crianças de Portugal, imitai os vossos irmãozinhos que em Belém deram o seu sangue generosamente por Jesus! Quando em Jerusalém os judeus maus o insultavam, ellas clamavam com o maior entusiasmo: «Hosana ao Filho de David!» O mesmo é dizer: Viva Cristo Rei!

Também eu não a vejo!

Continuação da 2.ª pagina admirara, a pequena seguiu-o como de costume para a larga varanda envidraçada onde ambos passavam geralmente uma hora, e a que ambos chamavam o seu recreio.

— Paizinho, disse ella então, sentando-se-lhe nos joelhos, ontem conversei muito com a avó, sabes?

— Calculo, respondeu o pai bem humorado, estavam ambas sószinhas, as tagarelas...

Elsa teve um gesto de amoro: — Tagarelas, não! Conversámos só sobre coisas sérias!

— Faça idéia! Sobre as brigas da «Édora» com o «Matteo» a fuga do canário novo, o último vestido da toneca...

— Nada disso! A avó ao principio estava a fugir a explicações... Ella terá medo de ti, paizinho!

— Não... que idéia! Só os cobardes é que têm medo!

Espontaneamente prestava assim homenagem á sogra mas o rosto tinha-se-lhe ensombrado. A pequena olhava-o perplexa.

— Mas enfim, prosseguiu James, que conversas, sérias, tiveste então com a avó?

Bem sabia elle que era inevitável; mais dia, menos dia o problema religioso assaltaria aquella

cabeceira tão precoce e era preciso preparar-lho, senão resolver-lho. De mais, não tinha sido elle o próprio a dizer quando consentira no baptismo: «E agora ficamos por aqui, nada de pressão sobre ella, deixem-na crescer á vontade, ella depois decidirá?»

Elsa hesitava ainda: — Fiz-lhe muitas perguntas e a avó, por fim, respondeu a todas...

Fixamente, um pouco severo, o pai observava-a. Então a criança, semi-cerrando os olhos como para concentrar-se ou como quem vai saltar um barranco, empertigou-se e articulou:

— E fiquei tão contente, e sou tão feliz, por saber que tenho uma alma!

Era na verdade a personificação da felicidade — no carim das faces, no fulgor do olhar, no oiro dos cabelos, na formosura toda angelical de Elsa — que James Stein tinha na sua frente. Haveria direito de destruí-la, de embaciá-la sequer?...

O demónio do orgulho, porém, talvez, simplesmente, o respeito humano, sugeria esta observação mordaz:

— Tens uma alma, filhinha?! Então deixa-a cá ver... Mostra-mal!

Elsa não se desconcertou: — Também eu a não vejo! prosseguiu com crescente calor. Mas

sinto-a... e sinto a tua também... e a da avó... e a de todos! Só não sinto a da «Édora», e do «Matteo», e do canário... porque não a têm! Oh, paizinho! E nós valemos todos mais que os bichos, não é assim?!

Lançara-se nos braços do pai e abraçava-o com frenesi.

— Mas, paizinho, é com a minha alma que eu te quero... muito... muito... é com a minha alma que eu tenho saudades da mãezinha... é com ella que vejo o Céu e por causa della que quero ir para lá! E tu hás-de ir também! Dize, paizinho querido... não é possível que tu não acredites!

Perante o entusiasmo e a candura da filha, James Stein baixou os olhos envergonhado. Então, sob um impulso desconhecido que não era mais que o primeiro alvar da sua fé, disse, retribuindo afusivamente as caricias da criança:

— Não acreditava lá muito, não... Mas tu vais mostrar-me... não a tua alma, mas como se acredita que ella existe!

Hoje, James Stein pode dizer-se católico ainda mais fervoroso que a filha, casada com um diplomata e com o melhor do seu tempo absorvido pelos deveres duma sociedade... tão rigorista em ninharias...

M. de F.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

MÊS DE JANEIRO

Algarve	6.729
Angra	20.753
Aveiro	8.967
Beja	4.498
Braga	80.065
Bragança	12.684
Coimbra	14.518
Évora	4.774
Funchal	13.589
Guarda	18.467
Lamego	12.591
Leiria	14.495
Lisboa	13.802
Portalegre	2.703
Pórtó	52.769
Vila Real	24.428
Viseu	10.228
	326.060
Estrangeiro	3.720
Diversos	10.366
	340.146

Leiria celebra com brilho as Bodas de Prata da Beatificação do Santo Condestável

O Beato Nuno de Santa Maria tem na Diocese de Leiria um culto intenso. Várias freguesias lhe levantaram imagens e lhe fazem a festa no dia litúrgico.

A cidade capital da Diocese bem pode dizer-se que vai na vanguarda.

Em 24 de Setembro de 1924 Sua Ex.^{ca} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva publicava uma pastoral sobre o culto do Beato Nuno e a 1 de Novembro seguinte realizava-se a sua inauguração na Sé Catedral com grande solenidade.

Tomaram parte na festa a officialidade da guarnição e as autoridades locais.

De então para cá não mais cessou de se lhe prestar culto e de lhe fazer a festa anual por parte da Juventude Católica.

Este ano pela circunstância da passagem do 25.º aniversário da sua elevação aos altares ou confirmação do culto adiou-se a festa para o passado dia 24 de Janeiro.

Preparou-a um tríduo com pregação.

A missa da manhã comungaram algumas centenas de pessoas das mãos do Senhor D. Manuel Maria Ferreira da Silva, Venerando Bispo de Gurza, que falou da devoção de D. Nuno pela sagrada eucaristia e do valor da Sagrada Comunhão.

Sua Ex.^{ca} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria celebrou de Pontifical ao meio-dia. Ao Evangelho fez o panegírico o Senhor Bispo de Gurza pondo em foco sobre

tudo as três grandes lições da vida do Beato Nuno que apresentou aos numerosos rapazes ali presentes: amor ao trabalho, amor à pureza, amor à Pátria.

As 8 da noite, com um tempo magnífico como durante o dia, realizou-se uma luzida procissão com a imagem do Beato Nuno a que presidiu o Senhor Bispo de Gurza.

A Missa de Pontifical estavam presentes ou representadas quas todas as entidades oficiais da cidade e aos dois actos, ao meio-dia e à noite uma grande multidão de fiéis.

A música estava a cargo da Schola Cantorum do Seminário que se houve como sempre muitíssimo bem.

A noite falou do Beato Nuno e das várias lições da sua vida o Rev.^{mo} Sr. P.^o Francisco V. da Rosa.

Por determinação do Senhor Bispo, embora promovida pela Juventude Católica, a festa constituiu parte do programa das festas das Bodas de Prata da restauração da Diocese iniciadas no dia 17 de Janeiro com Missa cantada de assistência e Te-Deum em que tomaram parte também as personalidades mais em destaque no meio.

Deus queira que dentro em breve em cada igreja paróquial se preste o culto que merece a maior figura da História e da Pátria e grande figura da Igreja que é o Beato Nuno de Santa Maria!

PALAVRAS DE UM MÉDICO

2.ª Série

XXI

As Sulfamidás

Quando, no meado do século passado, demonstrou Pasteur que as doenças infecciosas eram produzidas por certos micróbios, logo se acreditou que seria possível combater essas moléstias empregando substâncias desinfectantes, que os destruíssem.

Fácil se tornava destruí-los, com subímido, álcool, ácido fénico ou creolina.

Os antissépticos são realmente eficazes quando os micróbios se encontram fora do organismo vivo. Mas não é possível sem nos envenenar, introduzi-los no nosso corpo numa dose necessária para matar, dentro de nós, os micróbios que nos fizeram adoecer.

Há sete anos, porém, uma grande descoberta científica tornou possível atacar directamente os micróbios causadores das pneumonias, das meningites agudas, das febres puerperais, das septicémias (envenenamentos de sangue) e de tantas outras doenças febris.

Em 1935, alguns químicos alemães obtiveram sinteticamente uma droga extremamente complicada, a que chamaram prontofil a qual tem a propriedade de entrar no nosso organismo, sem provocar dano e ir ao encontro dos micróbios causadores das doenças, destruindo-os nos lugares em que eles se acótem.

Depois da descoberta daquele extraordinário remédio, muitos outros do mesmo género, têm descoberto em laboratórios alemães, franceses, ingleses e americanos.

Em sete anos progrediu extraordinariamente a medicina, com a descoberta de tais medicamentos, a que se deu o nome de sulfamidás. Tal é a acção destes novos medicamentos, que a mortalidade pelos pneumonias baixou de 25% para cinco por cento.

Por aqui se vê a importância das sulfamidás, a descoberta médica mais notável dos últimos tempos.

Grande engenheiro conferiu Deus ao homem.

Pena é que a sua inteligência seja tantas vezes aplicada ao serviço do mal.

J. A. Pires de Lima

Tôdas as famílias cristãs

dignas deste nome devem assinar a «STELLA», a grande revista da mulher católica portuguesa, cuja assinatura anual custa apenas 25\$00, pagamento adiantado.

Tendo-se esgotado rapidamente o Calendário de Nossa Senhora da Fátima para 1943, mandou-se fazer nova edição.

Como a tiragem é limitada, só há a certeza de poderem ser atendidas as primeiras requisições. Preço de cada exemplar 1\$00; pelo correio, 1\$30.

Dirigir os pedidos acompanhados da respectiva importância à Administração da revista «STELLA» — Cova da Iria — (Fátima).

Conversando

Por convite de Sua Ex.^{ca} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria inicio hoje a minha colaboração na *Voz da Fátima*, — honra que vivamente agradeço ao Venerando Prelado.

Foi também por convite de Sua Ex.^{ca} Rev.^{ma}, ao tempo illustre cônego da Sé Catedral do Porto, que, aí por 1914, colaborei no diário católico a *Liberdade*, do Porto, sob o nome de *Paulo Agostinho* como piedoso símbolo de devoção a dois dos maiores mestres do pensamento católico.

Desta vez, porém, em condições de ambiente social mais favoráveis para a Igreja no nosso País.

Basta lembrar que a colaboração é, agora, num jornal que se criou e mantém por motivo das Aparições da Virgem Santíssima, nossa Mãe e Rainha, em terra da Fátima, e sob a direcção do Ex.^{mo} Prelado que primeiro teve a glória de proclamar oficialmente a notícia desse tão extraordinário como feliz acontecimento para Portugal e para todo o Mundo.

Inferamente em seguimento do juízo da Igreja, procurarei escrever os artigos para a *Voz da Fátima*, dentro da Secção que o novo título *Conversando* fica a marcar, em referência a um ou outro dos factos de relevo social mais proximamente sucedidos e com algumas notas que possam oferecer interesse à vida prática e ao bem espiritual de todos nós.

Assim tomado o rumo e encontrando-nos nos princípios do ano de 1943, é justo assinalar os dois grandes factos sob cujo signo se nos abriu o novo ano.

Um desses factos é a memorável *Mensagem* que, em 31 de outubro último, o Santo Padre Pio XII dirigiu, de viva voz e na língua portuguesa, a todos os seus amados filhos de Portugal continental, insular e ultramarino, ao encerrar o ano jubilar de Nossa Senhora da Fátima no 25.º aniversário da Sua Consagração Episcopal.

O outro facto é o relevo dado, em 20 de dezembro último, à constituição dum *bloco de amizade mútua e de paz externa entre Portugal e a Espanha* pelos discursos dos respectivos Ministros dos Estrangeiros, a que deu propositadamente ensejo a vinda do de Espanha a Lisboa. Tal bloco passará à história sob a designação de *Bloco Ibérico* e tem justamente suspensas as melhores esperanças de preparação da paz para todos os povos.

E de reconhecer uma íntima ligação entre os dois referidos factos. O primeiro mostra a acção providencial de Portugal e consagra todo o Mundo ao *Coração Imaculado de Maria* para que em breve nos obtenha a paz por que os povos suspiram: a paz na verdade, na justiça e na caridade de Cristo; o segundo declara-se determinado pela necessidade de restabelecer, com a ajuda da fé de Cristo, o tipo da civilização Cristã que as duas Nações irmãs gloriosamente levaram, outrora, a todos os recantos do globo.

Completam-se, pois, os dois factos, um manifestando as graças de predilecção de Deus sobre o povo português e outro a correspondência do Governo, que o representa, a essas graças.

Com tais antecedentes e assim preparado, é de esperar que este ano de 1943, em que entrámos, seja de agradabilíssimas realizações temporais e espirituais para todos nós. Deus o queira!

Tudo, porém, condicionado, como diz o Santo Padre Pio XII, pelo *espírito de oração e de sacrificio*, e, como diz o governo do Estado, pelo cuidado de *produzir e poupar*.

Não há outra forma de melhor missão nesta vida senão trabalhando para subsistir em ordem a um destino sobrenatural de felicidade eterna.

Janeiro de 1943

A. Lino Neto

Visado pela Censura

CRÓNICA FINANCEIRA

Um dia encontrámo-nos com um antigo discípulo, actualmente engenheiro do Estado que acabava de chegar de uma viagem que fizera pelo Minho, de visita a umas propriedades que lá herdara e nunca tinha visto. Depois de nos gabar as belezas da região, com grande surpresa nossa, desandou a criticar o desleixo daquella gente que, deixava de monte muitas terras que podiam dar bom pão e essas poucas que cultivava, trabalhava-as mal, dizia êle, porque só se guiava pela rotina. A quem, como nós, fosse nado e criado no Minho, não era difícil de provar aquêlê nosso amigo que nada percebera da economia agrícola minhota. O que a êle, nado e criado em Lisboa, lhe parecia desleixo, era a mais rara qualidade que há neste momento — o sentido das proporções, a intuição do equilíbrio.

O minhoto sabe muito bem que, para tirar da terra o máximo proveito, é preciso que haja entre a superfície cultivada e a inculta a proporção necessária para que os montes dêem o mato suficiente para fazer estrumes para as terras de lavradio. E era por isso, e não por desleixo, que no Minho estavam a monte muitas terras que de facto podiam ser arroteadas.

Quanto aos processos rotineiros, alguma razão poderia haver, mas não tanta como lhe parecia. Disse-lhe que o homem do Minho só muda de processos quando lhe mostram com factos que há vantagem na mudança. Em cantigas não se fia, dissemos-

-lhe nós. E contámos-lhe, para demonstrar o assêrto, a rapidez com que se espalhou no Minho o uso do sulfato e do enxôfre, o enxêrto americano, etc. E se o uso intensivo dos adubos químicos se não generalizou no Minho como em outras regiões, não foi por força da tal rotina que o uso do enxôfre, do sulfato e do cavalo americano mostrou não existir, mas porque o minhoto é prudente e ficou à espera daquellas provas irrefutáveis da vantagem da mudança. E parece que teve razão, porque já as próprias instâncias officiais louvaram os seus processos clássicos de adubações. A questão dos adubos químicos ainda está em aberto e se há muito quem os louve, há também quem os condene.

O que está já condenado sem remissão possível, é o abuso dos adubos químicos com o fim da exploração intensiva dos terrôs. E são várias as razões que se apresentam, entre as quais citaremos o esgotamento das terras e a inferior qualidade dos frutos.

Sempre se disse que a *qualidade* é inimiga da *quantidade* e por isso se se forçarem as terras a dar muito, claro que os frutos serão de qualidade inferior. E tão inferior que há autoridades científicas de nomeada mundial, como Alexis Carrel, que dizem que tais frutos são a causa de muitas doenças de agora, como o cancro, por exemplo.

Pacheco de Amorim

Arquidiocese de Braga VOZ DA FATIMA

DESPESAS

Transporte	2.579.607\$52
Impel. comp. imp. do n.º 244	22.566\$36
Franq. Emb. Transporte do n.º 244	5.298\$40
Na Administração	350\$00
Total	2.607.822\$28

Donativos desde 15\$00

D. Maria Rubio Cardou — Lisboa, 20\$00; P.^o António Coutinho — Paredes de Coura, 20\$00; P.^o António Maria Brito Cardoso — Prala, 100\$00; Manuel Domingos da Lage J.^o — A. dos Vinhos, 20\$00; D. Maria das Dores da C. Lopes — V. N. de Foscôa, 20\$00; D. Maria Nazaré Urbano — Salma, 15\$00; D. Maria Augusta de Oliveira — Soure, 20\$00; D. Maria Leonor de Freitas — Soure, 20\$; D. Elvira de Carvalho — Soure, 50\$00; D. Laura Barbosa — Senhora da Hora, 15\$00; D. Maria Rita Cunha — Viana do Castelo, 20\$00; Miguel Baía Coelho — Vila Real, 20\$00; D. Maria L. Furtado de Mendonça — C. de Paiva, 15\$00; José Severino F. de Abreu — Penafiel, 15\$00; D. Olinda E. Vitória Gonçalves — Porto, 20\$00; D. Maria Celeste de Sousa — Gerales, 20\$00; D. Amélia Santos Fonseca — Merceana, 20\$00; D. Emília de Amorim Rodrigues — P. do Lima, 20\$00; D. Elzara Pimenta Sousa Gomes — Braga, 20\$00; D. Fernanda de Melo Lopes — Porto, 40\$00; D. Amélia Amaro — Beira, 45\$00; D. Amélia Augusta C. de Moura — Eira 20\$00; D. Laura Carolina Léguas — Lisboa, 20\$00; Manuel F. Lopes Tavares — Ovar, 15\$00; Augusto da Costa Macedo — Lisboa, 20\$00; D. Maria José Martins Silva — Padrão da Légua, 50\$00; Serafim Pinto de Almeida — Vila da Feira, 30\$00; D. Olympia Sequeira Canelas — Alpalhão, 80\$00; Henriques Alves Mendes — Castelo de Paiva, 20\$00; D. Maria da Piedade Garrette — Castelo Branco, 50\$00; D. Beatriz Cardoso Pereira — Ilhavo, 20\$00; Luis Baldaque Guimarães — Porto, 60\$00; D. Maria José Andrés Vála — Poço Barreto, 25\$00; P.^o Abílio Mendes — Barreiro, 150\$00.

Nos últimos meses, comemorando prática e proveitosamente o grande Ano Jubilar das Aparições da Santíssima Virgem, um elevado número de Trezenas dos Cruzados de Fátima se tem organizado de novo, por toda a gloriosa Arquidiocese Primaz. Constituem uma formidável Legião, os católicos bracarense que se encontram associados, sob o mandato e o pendão bendito da Excelsa Padroeira de Portugal.

Desde que, faz agora precisamente nove anos, começou em Portugal esta providencial organização, só na Arquidiocese de Braga foram já celebradas 19.178 Missas, pelos seus Cruzados, vivos e falecidos! No último ano de 1942, nada menos de 2.244 Missas!

É este imenso Tesouro, agora a Santa Missa oferecida todos os dias no Santuário da Cova da Iria pelos Cruzados de todo o país, que mais alenta e entusiasma os associados inscritos, cujo número vai além de 130.000. Mais de 1 milhão de exemplares de «A Voz da Fátima» são expedidos anualmente para Braga. Praza a Deus que nenhum se perca, pois custam rios de dinheiro, mas que todos se aproveitem numa larga e fecunda sementeira do Evangelho e da celeste Mensagem de Nossa Senhora da Fátima.

Tôda a gente ficou encantada

ao ler A Vida Maravilhosa de Nun'Álvares

Preço 10\$00 Pedidos à Gráfica — LEIRIA.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.